

ATALHO INTERDITADO

COM OPÇÕES DEMAIS E VOTOS DE MENOS,
A TERCEIRA VIA ASSISTE DE LONGE AO AVANÇO
DE LULA E À RESILIÊNCIA DE BOLSONARO

por MAURÍCIO THUSWOHL

O Brasil decidiu dar-se ao luxo de esperar até outubro de 2022. As manifestações pelo “Fora, Bolsonaro” do domingo 2, basicamente restritas aos eleitores progressistas, indicam que a falta de disposição de promover o *impeachment* do ex-capitão, autor de crimes de responsabilidade continuados no exercício do mandato, não é um mal que acomete apenas o presidente da Câmara, Arthur Lira, e os associados do “Centrão”. O espírito público e o desprendimento deram lugar, não é de hoje, aos cálculos políticos, enquanto parte do que se convencionou chamar de elite aposta em uma quimera, o surgimento de um candidato de terceira via, o “nem Lula nem Bolsonaro”. Em entrevista ao jornal *O Globo*, Pedro Passos, um dos fundadores da Natura, resumiu o *whishful thinking* dos donos do dinheiro no País, que, de resto, fingem não ter percebido em

2018 a ameaça representada por uma vitória de Bolsonaro: “Devemos evitar a polarização entre o inaceitável (o atual presidente) e o indesejável (Lula)”.

Neste momento, o desejo da maioria é diferente da vontade de Passos – e dos empresários e banqueiros em geral. O “indesejável” Lula lidera as pesquisas e, segundo os mais recentes levantamentos, teria chances reais de vencer no primeiro turno. O “inaceitável” Bolsonaro,

como o samba, agoniza, mas não morre. Uma proporção cada vez maior de brasileiros quer longe da principal cadeira do Palácio do Planalto, se não imediatamente, ao menos a partir de 2023. O desgosto profundo da maioria provoca, no entanto, uma reação inversa na base fiel de apoiadores do ex-capitão, que permanece na casa de 20% a 30% do eleitorado: quanto mais o “mito” é execrado pelos 70%, mais os bolsonaristas de raiz mergulham no pensamento mágico e se recusam a enxergar as evidências.

A praticamente um ano das eleições, este é o maior desafio da chamada terceira via, encontrar um espaço entre dois polos consolidados na preferência dos brasileiros. Não se trata de um problema de oferta, mas de procura. Há, como em 2018, opções para todos os gostos, do experimentado Ciro Gomes e seu projeto nacional ao tucano Eduardo Leite, embalado no figurino de “novidade”. Do precocemente decrépito João Doria,

**O IMPEACHMENT
FICOU
DEFINITIVAMENTE
EM SEGUNDO
PLANO,
SUPLANTADO
PELOS CÁLCULOS
ELEITORAIS**

ILUSTRAÇÃO: PILAR VELLOSO. FOTOS: RICARDO STUCKERT/INSTITUTO LULA E ISAC NOBREGA/IPR



CAPA

governador de São Paulo, ao coadjuvante Rodrigo Pacheco, presidente do Senado, sem falar no apresentador José Luiz Datena, da cota de “celebridades”, de Sergio Moro, ex-herói nacional, e de Luiz Henrique Mandetta, cujo desempenho como ministro da Saúde é supervalorizado por conta do terraplanismo de Bolsonaro. A maioria disputa o mesmo e escasso eleitorado, o que, nas pesquisas, afunda esses nomes na irrelevância dos 2% a 5% de intenções de voto. A questão é saber se o cenário pode mudar drasticamente ao longo dos próximos 12 meses. Para Felipe Borba, cientista político e professor da Unirio, a hipótese é pouco provável. “Existem dois polos consolidados: um liderado pelo Lula e outro pelo governo e o presidente Bolsonaro. São dois polos com base social e um piso de votos, ao menos até o momento, muito alto”, afirma. “A terceira via acaba espremida. Para se consolidar, precisa desbancar um deles, o que neste momento parece difícil. O PT é muito forte na disputa presidencial desde 1989 e tem base social e política sólida. No Nordeste, é o partido dominante desde a eleição de 2006. O polo liderado pelo presidente tem o governo, tem a máquina na mão. Eu creio que até outubro do ano que vem o cenário político mudará muito pouco.”

João Feres Júnior, do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Uerj, concorda: “Bolsonaro começou com popularidade relativamente alta, mas teve uma gestão desastrosa, passando a catastrófica durante a pandemia. Só os bolsonaristas mais malucos defendem sua gestão como um grande sucesso. Mas, a despeito disso, ele consegue manter uma popularidade em torno de 30% do eleitorado, grupo que parece insensível às inúmeras mazelas do governo”. Este cenário, observa Feres, é um problema para a terceira via: “Querem cavar um espaço político meio inexistente, que é o daqueles que rejeitaram



Ciro Gomes, hostilizado na Avenida Paulista, pede trégua e ainda acredita no impeachment. Doria enfrenta Leite nas prévias tucanas, mas diz que desistiria em nome de um nome viável contra Lula e Bolsonaro



Bolsonaro, mas continuam antipetistas. Acontece que esse é um grupo muito pequeno, segundo podemos perceber pelas pesquisas de opinião”.

Segundo os mais recentes levantamentos, Lula lidera em todos os cenários eleitorais. No Datafolha, o candidato do PT aparece com 44% das intenções de voto contra 26% de Bolsonaro. Em terceiro lugar aparece Ciro (9%), seguido por Doria (4%) e Mandetta (3%). A

situação repete-se na pesquisa do Ipec, segundo a qual Lula, com 48% das intenções de voto, poderia vencer no primeiro turno. Bolsonaro aparece em segundo lugar com 23%, seguido por Ciro (8%), Doria (3%) e Mandetta (3%). Em ambas as pesquisas, nos cenários que incluem Moro, Leite, Pacheco e Datena, nenhum ultrapassa a marca dos 5%.

Coordenador do Observatório do Legislativo Brasileiro e responsável, des-



de 2018, por um estudo acadêmico sobre as pesquisas de opinião, Feres resalta a força política do PT e lembra a eleição de quatro anos atrás para explicar o cenário atual: “O Partido dos Trabalhadores estava sob forte ataque midiático por conta da Lava Jato, o Lula estava preso e impossibilitado de concorrer e, mesmo assim, foi para o segundo turno. O PT foi muito competitivo naquela eleição com um candidato que era praticamente desconhecido do eleitorado. Mostrou uma resiliência muito grande naquele momento e isso explica a atual vantagem nas pesquisas”.

Ironicamente, o PSDB, principal adversário petista em seis eleições presidenciais e responsável por abrir a Caixa de Pandora, ao questionar o resultado das eleições de 2014 e alimentar os movimentos que propuseram o *impeachment* de Dilma Rousseff, dificilmente recuperará o protagonismo em uma disputa nacional. “O bolsonarismo conseguiu organizar o reacionarismo em torno de si em 2018 e ocupou espaço graças à desorganização das forças tradicionais”, diz Borba. “Todo aquele sentimento antipartidos e antipolítica que dominou o Brasil em 2018 também afetou o PSDB. Muitos imaginaram que Geraldo Alckmin seria o presidente após o *impeachment* de Dilma Rousseff, mas ele terminou a eleição com o pior desempenho tucano em uma eleição presidencial desde 1989.”

Com um regulamento que equilibra o peso do voto de governadores e prefeitos, diretórios regionais e parlamentares, as prévias do PSDB têm, segundo os próprios tucanos, resultado imprevisível. Governador de São Paulo, estado que responde por 25% dos militantes, e dono da máquina partidária, Doria mantém leve favoritismo. Travará, no entanto, uma disputa acirrada com Leite, apoiado pelo senador Tasso Jereissati, um dos fundadores da legenda, que tenta atrair o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso para o lado do gaúcho. Na terça-feira 5, Doria chegou a



Moro, de tantos sonhos de grandeza, se contentaria com o Senado

afirmar que abriria a mão da candidatura à Presidência da República em nome de uma candidatura que conseguisse derrotar os “desastres” Lula e Bolsonaro. Diante da repercussão, recuou e disse ter sido mal interpretado.

A única alternativa da terceira via, diz Borba, seria apresentar uma candidatura unificada e não fragmentada. “Mas to-

**A MAIORIA DOS
NOMES DA
TERCEIRA VIA NÃO
PASSA DOS 5%
NAS INTENÇÕES
DE VOTO A UM ANO
DA DISPUTA**

do mundo tem a ambição de liderar. Enquanto o cenário ainda não estiver claro, eles dificilmente conseguirão se unir em torno de um nome. Acho que existe uma divergência de interesses. Quais são as pautas ou as políticas públicas que vão unificar essa terceira via? Até o momento, a única coisa que os une é ser contra o governo e contra o PT. É muito pouco.” Para Feres, a fragmentação da terceira via está ligada à distorção do sistema eleitoral, que incentiva a criação de partidos políticos em excesso: “O número de legendas é tão grande e há tanto interesse de alguns em ter candidato próprio que, provavelmente, a velha direita vai esperar para se unificar no segundo turno”. Os vários nomes à mesa são um dos entraves da terceira via, mas ainda estão em curso negociações para uma chapa competitiva.

Na quarta-feira 29, um jantar em São Paulo reuniu Doria, Mandetta e Moro para discutir, segundo assessores, a “agenda anticorrupção” defendida pelo ex-juiz. Também foram debatidas as possibilidades eleitorais de cada um e Mandetta teria recebido de Doria uma sondagem para ser seu vice, caso o governador paulista vença as prévias do PSDB. O ex-ministro mostrou-se aberto à proposta do tucano, mas lembrou que muita água ainda vai passar por debaixo da ponte e que “quem pede apoio tem de estar disposto a apoiar também”.

Embora os institutos insistam em testar seu nome, Moro, que saiu da toca em Washington e veio ao Brasil em busca de um partido para acomodar suas pretensões, parece ter tomado um banho de realidade. O ex-ministro estaria inclinado a concorrer a uma vaga no Senado pelo Paraná, possibilidade que aumenta as suas chances de sucesso. Após o jantar, Moro declarou a jornalistas que aguardará o resultado das prévias tucanas e a conclusão da fusão entre o DEM e o PSL para definir seu rumo político.

Com o nome, União Brasil, e o *slogan*, “a maior legenda de centro-direita”, definidos, a fusão DEM-PSL uniu a fome com a vontade de comer, graças aos esforços de seus respectivos presidentes, ACM Neto e Luciano Bivar. Disposto a desbancar o PT do governo da Bahia, ACM Neto sonha em colocar as mãos na polpuda fatia do PSL no fundo eleitoral, cerca de 250 milhões de reais. Partido pelo qual Bolsonaro se elegeu e depois abandonou de forma litigiosa, o PSL surfou a onda eleitoral de 2018, teve um notável crescimento e possui hoje a maior bancada na Câmara, ao lado do PT, com 53 deputados. A contrapartida do DEM seria oferecer aos “novos-ricos” estrutura e capilaridade em centenas de municípios brasileiros, sobretudo no Nordeste.

Dono da chave do cofre, Bivar, deputado federal, ocupará a presidência do novo partido e terá como vice seu braço-direito, Antônio Rueda. ACM Neto ficará com a Secretaria-Geral. Na prática, o prefeito de Salvador entrega o partido idealizado por seu avô, o ex-governador e ex-ministro Antônio Carlos Magalhães, em troca de recursos para reposicionar sua carreira. No DEM, outros beneficiários diretos da fusão são o governador de Goiás, Ronaldo Caiado, e o senador amapaense Davi Alcolumbre, candidatos à reeleição. Eles também poderão usufruir do incremento de verbas para a campanha eleitoral possibilitado pelo casamento de conveniência com o PSL. Alguns diretórios regionais ainda torcem, no entanto, o nariz para a fusão, aprovada pelas executivas nacionais dos dois partidos. Há divergências pontuais em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraíba, Espírito Santo e Rio Grande do Sul. E alguns nós mais difíceis de desatar em Pernambuco e São Paulo.

A sucessão de Doria explica as dificuldades em São Paulo, onde o diretório do DEM é controlado pelo grupo político do vereador Milton Leite, aliado do vice-go-



Pacheco é cortejado por Kassab, disposto a transformar o PSD no MDB

vernador Rodrigo Garcia, que recentemente trocou o partido pelo PSDB, para ser candidato ao Palácio dos Bandeirantes. O PSL, presidido no estado por Júnior Bozzella, prefere a candidatura de um desafeto de Doria, o ex-governador Geraldo Alckmin, que está de saída do PSDB e ainda não anunciou oficialmente seu futuro partidário. Assim que for confirmada a fusão, a ala bolsonarista ainda restante no PSL paulista, capitaneada pela deputada federal Carla

**A FUSÃO COM O PSL
DARIA AO DEM
ACESSO A 250
MILHÕES DO FUNDO
PARTIDÁRIO**

Zambelli e integrada por Eduardo Bolsonaro, deverá deixar a legenda.

Em Pernambuco, a fusão esbarra no desejo de Bivar de disputar o governo estadual. Para que isso aconteça pelo União Brasil, como acordado com ACM Neto, antes será preciso convencer o cacique do DEM no estado, o ex-ministro Mendonça Filho, que articula há tempos o apoio à candidatura do prefeito de Petrolina, Miguel Coelho. Filho de Fernando Bezerra Coelho, líder do governo Bolsonaro no Senado, Miguel estaria de malas prontas para trocar o MDB pelo DEM, mas não parece disposto a ingressar no partido a ser criado após a fusão.

Outra variável importante é a inesperada disposição de José Luiz Datena em ser candidato à Presidência. Filiado ao PSL a convite de Bivar, o apresentador declara-se surpreso com a fusão: “Vim para o PSL para ser candidato a presidente e me foi dito que eu seria apresentado como o candidato da fusão. Eu aceitaria Mandetta ou Pacheco como vice, mas não me convidem para ser vice de um dos dois”.

O DEM ainda é o partido de outro nome aventado como candidato de terceira via em 2022: o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco. Mas, caso essa aposta se confirme, provavelmente será por outra legenda. Embora Pacheco não admita oficialmente, estariam adiantadas as negociações de sua migração para o PSD de Gilberto Kassab. Um dos objetivos da mudança é evitar uma provável disputa interna com Mandetta ou um nome oriundo do PSL. “Se aceitar o nosso convite para ingressar no PSD, o senador será um candidato natural à Presidência da República”, corteja Kassab.

Segundo os analistas, seja qual for o candidato da terceira via, mais fácil seria enfrentar Bolsonaro do que Lula. “As pesquisas mostram que a insatisfação com o governo é muito alta. Para se reorganizar, as forças de direita tradicionais têm de encontrar espaço aí, porque essa direita mais radical não se mostrou

PEDRO GONTIJO/AG. SENADO